

## AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 E AS MINHAS DESCONFIANÇAS

Parto do pressuposto que manifestações pacíficas, ou não, dependendo do momento histórico, são legítimas. Mas, quero expressar as minhas desconfianças sobre essas manifestações desse mês junho de 2013. Venho tentando desvelar a raiz dessas manifestações e defendo a tese de que as mesmas são o encontro dos extremos. As manifestações não são compostas por desempregados e sim por maioria de jovens crescidos e sendo formados durante os governos do PT. Isso é ótimo! Pois, se o mundo dependesse de nós velhos, o mundo acabaria, cessaria todo e qualquer movimento. Seria o fim da humanidade! Ainda bem que existem os jovens para contraditarem aos velhos. Pois, é pelas contradições que ocorre a ordem e se caminha para uma sociedade melhor e menos excludente.

Voltando às manifestações, elas são bem orquestradas e tem um comando central. Esse comando central determina, ao menos inicialmente, os pontos de concentração. As manifestações não apresentam um objetivo claro e preciso. Pois, aquele que tudo reivindica, nada reivindica. Aparentemente elas são voluntaristas e estão tateando entre “contra aumento das passagens”, “contra os gastos públicos na copa”, “contra PEC 37”, “contra a corrupção”, “mais verbas para a educação” (só não apoiaram o projeto da presidenta Dilma de destinar 100% dos royalties do pré-sal para a educação), etc. Mas, na verdade ela mistura grupos de extrema-esquerda com palavras de ordem como “tarifa zero nos ônibus urbanos”, “contra os ganhos, supostamente, extorsivos dos empresários do transporte coletivo”, “contra a rede Bobo”, “Fora Feliciano”, etc. Por outro lado, existem grupos pugnando pelo “fim da demarcação das terras indígenas” e “impeachment da presidenta Dilma”, que é próprio da extrema-direita. São “contra o socialismo”, mas querem “tarifa zero no transporte coletivo”, o que é uma contradição profunda, pois, ou se aposta no mercado ou no Estado para distribuir renda e justiça social. Também nota-se nas manifestações um misto de raiva de ex-petistas e de vingança dos derrotados da ditadura militar, pois tais manifestações não são somente contra os governos do PT, mas também contra os governos do PSDB, PMDB e PDT que são os vencedores da ditadura militar. Por essas

e outras defendendo a tese da junção dos extremos. A extrema-esquerda atuando como vanguarda, como linha de frente. Como um movimento, desse porte, demanda muito dinheiro, a extrema-direita atua como comandante e financiadora da empreitada.

Por outro lado tenho dificuldades para entender como manter esse movimento político por natureza, sem partidos políticos (o movimento abomina todo e qualquer partido, o que é próprio da extrema-direita), visto que a base de sustentação de uma democracia representativa, para o bem ou para o mal, são os partidos políticos e numa sociedade de classes, teoricamente, os partidos deveriam representar tais classes. Por isso insisto que numa democracia indireta, a mesma fica inviável sem partido político. Pois, infelizmente ou felizmente, a massa sem partido, independentemente se de esquerda ou de direita, caminha sem rumo, sem matéria e sem forma. O movimento tem como lema “nenhum partido me representa”, que é próprio do fascismo, e tentam passar a ideia de um “partido” que represente o “povo”, o que é insustentável tanto numérica como fenomenicamente. Na prática o “povo” está dividido em classes com interesses diversos. O profissional liberal não tem os mesmos interesses do operário que, por sua vez, não são os mesmos do empresário e vice-versa. Portanto, é impossível um partido que represente o “povo”. Enquanto ideia (conceito) a “palavra” partido vem de “parte”. Então, “partido”, empiricamente, sempre representará a “parte” e não o “todo”. Somente em uma ditadura nazi-fascista seria possível realizar a ideia de um, suposto, partido que represente o “povo”.

Quanto à violência nas passeatas, não sou um pacifista e também não sou pela violência gratuita. Mas, todo o movimento pacífico é inócuo, ineficiente e ineficaz. Mesmo o movimento do Ghandi, não era tão pacífico como o povo pensa. Uma parte da população poderia fazer todo dia uma manifestação pacífica e as autoridades e os espectadores de tal movimento nunca se sensibilizariam ou tomariam consciência de tal movimento, nem contra, nem a favor. Penso que, em prazo curto, manifestantes, autoridades e espectadores acabariam se entediando de tudo. Movimento pacífico equivale fazer uma greve sem parar a produção da fábrica. Pois, uma greve deve sempre impactar quatro segmentos. Primeiro, o dono do negócio, segundo, o governo, terceiro, a sociedade e quarto os trabalhadores grevistas ou será uma greve inócua et *ad eternum*. Então, para o bem ou para o mal, toda a passeata tende para a violência.

Portanto, como o Estado tem monopólio da violência, consentido e autorizado pelo povo, para garantir “o meu e o teu”, aquele que sair para manifestações, jamais saia esperando flores, nem bombas de chocolate, mas balas de borracha e bombas de efeito moral.

Quanto aos partidos políticos, penso que os dirigentes estão assustados e apostando, como eu, que esse movimento é muito mais um passeio do que passeata; que, por falta de um partido, é uma massa informe que caminha sem rumo em direção ao nada. Por isso não colocaram as suas militância nas ruas, para evitar um confronto maior e desnecessário. Mas, esse sentimento pode ser um equívoco e as coisas podem tomar rumo diverso. Então, cabe aos governos federal, estaduais e municipais tentarem racionalizar e instrumentalizar tais manifestações em seu favor. Pois, foi a partir dessa ideia de desacreditar todo e qualquer partido político que se deu o golpe de estado em 1964, nascendo dele a ditadura militar fascista sob qual penamos durante 20 anos e a extrema-direita sempre está a posto e pronta para dar o “bote”. Porém, penso que o que vai sobrar de tudo isso, além do quebra-quebra, é um profundo descrédito dos partidos políticos. Portanto, além de reformas políticas partidárias e a retomada da ética e transparência na política brasileira, urge reformas estruturais. Pois, as políticas compensatórias, como ProUni, Bolsa família, Cotas, Pronaf, Pronafinho, Minha Casa, Minha Vida, etc., no meu entender, esgotaram-se. Agora, ou governo Dilma parte para as reformas estruturais ou caminha para uma derrota eleitoral e com ela as políticas de melhorismos compensatórios implementados pelos governos Lula e Dilma. As reformas políticas e estruturas não pode ser somente político-partidária, mas devem atingir os poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e Militar. Estes dois últimos pouco citados nas manifestações, porém são as duas grandes “caixas-pretas” ainda não abertas depois da ditadura militar fascista brasileira.

Curitiba, 24 de junho de 2013